

MENINO A BICO DE PENA: MITO, PRÉ-LÓGOS E TÉCHNE

FERNANDO SEGOLIN

Abstract: Drawing on the short-story *Menino a bico de pena* by Clarice Lispector, this work aims at reflecting upon the concepts of *myth*, *lógos* and *téchné*. The focal point will be three fundamental and clearly defined moments of the claricean text, namely: presentness, relationship and representation. Such moments signal the passage/transition of the child/man from a mythical state of absolute presentness and in-difference to a state of difference and temporalization, which coincide with his entering the universe of the *sign* and the *lógos*.

1. O MENINO DE CLARICE (Apresentação do conto de Clarice Lispector, *Menino a bico de Pena*, da romancista brasileira falecida em 1977.)

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará ao meu alcance. Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o hoje dele. Nem ele próprio. Quanto a mim, olho, e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual. O que conheço dele é a sua situação: o menino é aquele em quem acabaram de nascer os primeiros dentes e é o mesmo que será médico ou carpinteiro. Enquanto isso – lá está ele sentado no chão, de um real que tenho de chamar de vegetativo para poder entender. Trinta mil

Fernando Segolin é professor de Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

desses meninos sentados no chão, teriam eles a chance de construir um mundo outro, um que levasse em conta a memória da atualidade absoluta a que um dia já pertencemos? A união faria a força. Lá está ele sentado, iniciando tudo de novo mas para a própria proteção futura dele, sem nenhuma chance verdadeira de realmente iniciar.

Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico-de-pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive. Um dia o domesticaremos em humano, e poderemos desenhá-lo. Pois assim fizemos conosco e com Deus. O próprio menino ajudará sua domesticação: ele é esforçado e coopera. Coopera sem saber que essa ajuda que lhe pedimos é para o seu auto-sacrifício. Ultimamente ele até tem treinado muito. E assim continuará progredindo até que, pouco a pouco – pela bondade necessária com que nos salvamos – ele passará do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida. Fazendo o grande sacrifício de não ser louco. Eu não sou louco por solidariedade com os milhares de nós que, para construir o possível, também sacrificaram a verdade que seria uma loucura.

Mas por enquanto ei-lo sentado no chão, imerso num vazio profundo.

Da cozinha a mãe se certifica: você está quietinho aí? Chamado ao trabalho, o menino ergue-se com dificuldade. Cambaleia sobre as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno. Conseguido isso, agora a inteira atenção para fora: ele observa o que o ato de se erguer provocou. Pois levantar-se teve conseqüências e conseqüências: o chão move-se incerto, uma cadeira o supera, a parede o delimita. E na parede tem o retrato de *O Menino*. É difícil olhar para o retrato alto sem apoiar-se num móvel, isso ele ainda não treinou. Mas eis que sua própria dificuldade lhe serve de apoio: o que o mantém de pé é exatamente prender a atenção ao retrato alto, olhar para cima lhe serve de guindaste. Mas ele comete um erro: pestaneja. Ter pestanejado desliga-o por uma fração de segundo do retrato que o sustentava. O equilíbrio se desfaz – num único gesto total, ele cai sentado. Da boca entreaberta pelo esforço de vida a baba clara escorre e pinga no chão. Olha o pingo bem de perto, como a uma formiga. O braço ergue-se, avança em árduo mecanismo de etapas. E de súbito, como para prender um infável, com inesperada violência ele achata a baba com a palma da mão. Pestaneja, espera. Finalmente, passado o tempo necessário que se tem de esperar pelas coisas, ele destampa cuidadosamente a mão e olha no assoalho o fruto da experiência. O chão está vazio. Em nova brusca etapa, olha a mão: o pingo de baba está, pois, colado na palma. Agora ele sabe disso também. Então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino. Ele pensa bem alto: menino.

– Quem é que você está chamando? pergunta a mãe lá da cozinha.

Com esforço e gentileza ele olha pela sala, procura quem a mãe diz que ele está chamando, vira-se e cai para trás. Enquanto chora, vê a sala entortada e refratada pelas lágrimas, o volume branco cresce até ele – mãe! absorve-o com braços fortes, e eis que o menino está bem no alto do ar, bem no quente e no bom. O teto está mais perto, agora; a mesa, embaixo. E, como ele não pode mais de cansaço, começa a revirar as pupilas até que estas vão mergulhando na linha de horizonte dos olhos. Fecha-os sobre a última imagem, as grades da cama. Adormece esgotado e sereno.

A água secou na boca. A mosca bate no vidro. O sono do menino é raiado de claridade e calor, o sono vibra no ar. Até que, em pesadelo súbito, uma das palavras que ele aprendeu lhe ocorre: ele estremece violentamente, abre os olhos. E para o seu terror vê apenas isto: o vazio quente e claro do ar, sem mãe. O que ele pensa estoura em choro pela casa toda. Enquanto chora, vai se reconhecendo, transformando-se naquele que a mãe reconhecerá. Quase desfalece em soluços, com urgência ele tem que se transformar numa coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém o compreenderá, senão ninguém irá para o seu silêncio, ninguém o conhece se ele não disser e contar, farei tudo o que for necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus, pularei por cima de minha felicidade real que só me traria abandono, e serei popular, faço a barganha de ser amado, é inteiramente mágico chorar para ter em troca: mãe.

Até que o ruído familiar entra pela porta e o menino, mudo de interesse pelo que o poder de um menino provoca, pára de chorar: mãe. Mãe é: não morrer. E sua segurança é saber que tem um mundo para trair e vender, e que o venderá.

É mãe, sim é mãe com fralda na mão. A partir de ver a fralda, ele recomeça a chorar.

– Pois se você está todo molhado!

A notícia o espanta, sua curiosidade recomeça, mas agora uma curiosidade confortável e garantida. Olha com cegueira o próprio molhado, em nova etapa olha a mãe. Mas de repente se retesa e escuta com o corpo todo, o coração batendo pesado na barriga: fonfom!, reconhece ele de repente num grito de vitória e terror – o menino acaba de reconhecer!

– Isso mesmo! diz a mãe com orgulho, isso mesmo, meu amor, é fonfom que passou agora pela rua, vou contar para o papai que você já aprendeu, é assim mesmo que se diz: fonfom, meu amor! diz a mãe puxando-o de baixo para cima e depois de cima para baixo, levantando-o pelas pernas, inclinando-o para trás, puxando-o de novo de baixo

para cima. Em todas as posições o menino conserva os olhos bem abertos. Secos como a fralda nova. (De *Felicidade Clandestina*. Rio, Sabiá, 1971)

2. MITO, PRÉ-LÓGOS E *TÉCHNE*: O MENINO REVISADO

O pequeno texto de Clarice Lispector, que serve de fonte de inspiração para estas reflexões é, em si mesmo, *sui generis*. Quase-narrativa, quase-conto – pois não é propriamente nem uma coisa nem outra – acaba por ser o registro verbal e poético de momentos – que eu chamaria de inaugurais, uma vez que se trata de experiências realmente iniciais, primeiras, sementes gestadoras de algo novo – da existência de um certo menino que é, obviamente, cada um de nós.

O que interessa a Clarice, no caso desse seu texto, é a fixação das etapas que antecedem e prenunciam o proferir, sempre epifânico, da primeira palavra, do primeiro som efetivamente representativo, por parte da criança. Esse primeiro som, porém, prefigura paradoxalmente um segundo, mas primordial, parto: o parto do signo, que determina, este sim, o efetivo nascimento/inserção da criança no mundo do *outro*, ou seja, no mundo humano ou dos seres todos que com ela compartilham a *humanidade*. Tal nascimento, que é também uma imolação, pois supõe o sacrifício de sua inocência e liberdade originais, é assim relatado por Clarice:

Com urgência ele [o menino] tem que se transformar numa coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém o compreenderá, senão ninguém irá para o seu silêncio, ninguém o conhece se ele não disser e contar, farei tudo o que for necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus (...)

De um lado, é exatamente essa preocupação com o *inaugural*, com o primeiro som representativo emitido pela criança, que denota para mim o estreito vínculo que esse texto de Clarice mantém com o mito, na medida em que o objetivo de todo relato mítico é o registro, como afirma Eliade, daquele momento primordial, em que se revela “como uma coisa foi produzida, como começou a existir” (1989:13). Ora, este trabalho de Clarice não se ocupa de outra coisa senão do nascimento do homem *humano*, no momento mesmo em que dá à luz o signo.

De outro lado, no âmbito do mito, todo nascimento supõe necessariamente morte, ou seja, toda vida, para que exista, supõe a imolação de uma vida anterior. Ora, Clarice vai tentar reproduzir no seu texto as etapas dessa passagem da morte para a vida, do caos para o cosmos, da

desordem para a ordem, ou, dito de outro modo, do pré-lógico, ou mais propriamente do a-lógico, para o lógico, enfim, de um estado mítico, marcado pela indefinição e pelo alogismo, para um estado onde o lógos, a delimitação e a definição sígnicas são dominantes. Desta forma, o texto clariciano acaba traçando, deliberadamente ou não, os movimentos todos de um autêntico ritual de passagem universal em que a aquisição/conquista da palavra permite ao homem franquear o umbral que separa o paraíso mítico, pré-lógico, do mundo do lógos, da *técnica*, do propriamente *humano*.

Mas a eclosão do homem técnico, lógico, humano, não se dá sem sacrifício, sem imolação ou morte, sem perda do paraíso. Tal como no mito, a passagem para um outro estado, em Clarice, é também trágica, apesar de iluminadora e transformadora. Não há saída, os heróis míticos, assim como o *menino*, são os símbolos de nossa humana e luminosa tragédia que ciclicamente se repete à semelhança da tragédia cósmica que também se reencarna ciclicamente: estamos, como o cosmos, sempre a caminho da vida que redundará em morte, que redundará novamente em vida e de novo em morte, e assim indefinidamente.

Deste modo, tal como no mito ou nas tragédias, deparamo-nos, inicialmente, no texto de Clarice com um herói, o menino, mergulhado num instante de total in-definição, ou seja, de pura e absoluta atualidade. Enquanto ser absolutamente atual, o menino simplesmente é, alguém ou além de qualquer predicação. Não se pode dizê-lo, não se pode conhecê-lo, não se pode desenhá-lo:

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará a meu alcance (...) Quanto a mim, olho, e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual. Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico-de-pena mancha o papel para além da linha de extrema atualidade em que ele vive."

Nesse momento do texto, perdido em seu paraíso, nem herói, nem menino, nem escritura, o menino de Clarice é "um ponto no infinito", em torno do qual o texto clariciano tece toda uma coreografia linguageira, sem jamais, porém, conseguir tocá-lo.

E ao falar desse menino absolutamente atual, que escapa às malhas da escritura, que nem o mais fino bico de pena consegue delinear, Clarice fala daquilo que Barthes chamou de "a inadequação fundamental da linguagem ao real" (1980:23). Ao se referir a esse menino ainda não deteriorado, que o bico de sua pena é incapaz de desenhar, Clarice aponta

para esse momento puramente qualitativo em que impera o sentimento de qualidade, e que, segundo Peirce, seria a marca mais eloquente da *primeiridade*:

... o primeiro (primeiridade) é presente imediato, de modo a não ser segundo para uma representação. Ele é fresco e novo, porque, se velho, já é um segundo em relação ao estado anterior. Ele é iniciante, original, espontâneo e livre, porque senão seria um segundo em relação a uma causa. Ele precede toda síntese e toda diferenciação; ele não tem nenhuma unidade nem partes. Ele não pode ser articuladamente pensado; afirme-o e ele já perdeu toda sua inocência característica (...) O que é o mundo para uma criança em idade tenra, antes que ela tenha estabelecido quaisquer distinções, ou se tornado consciente de sua própria existência? Isso é primeiro, presente, imediato, fresco, novo, iniciante, original, espontâneo, livre, vívido e evanescente. Mas não se esqueça: qualquer descrição dele deve necessariamente falseá-lo. (*Santaella*, 1995:45)

Consciente, portanto, da impossibilidade de captar significamente o *ser* enquanto *primeiro*, enquanto absoluta atualidade, a escritura de Clarice concentra-se, agora, no menino em relação com a mãe e com os objetos do mundo que o cerca. Monta-se, então, todo um cenário doméstico, onde o menino, desafiado pela mãe, procura interagir com os diferentes integrantes da cena. Instaura-se, deste modo, uma espécie de *drama* relacional, que a escritura registra e desenha, renunciando, em definitivo, à busca utópica de um *real* que não se deixa nunca alcançar pelo signo.

Na sua relação com o outro, o menino deixa-se agora predicar: ele é o que é chamado pela mãe, o que cambaleia, o que se levanta, o que olha para o retrato, o que tenta manter-se em pé, o que chora, o que vê a figura da mãe avolumar-se, o que experimenta mudanças relacionais ao ser pego pela mãe, etc.

O menino agora *é*, em relação, em confronto com o outro, mas seu *ser*, enquanto absolutamente atual, está irremediavelmente ausente da escritura. O texto põe o menino a fazer coisas e perde-o enquanto *ser*. Ou seja, diz-se e predica-se a relação, mas o ser permanece para sempre indizível, interdito. É a sina de toda linguagem: dizer a relação e perder o ser.

É desse estado de relação, porém, no encontro/confronto com o outro, que o menino descobre a força mágica da representação. Ao observar que determinados gestos produzem os mesmos efeitos (choro/presença da mãe; buzina de automóvel/presença do pai), opta por transformar-se em gesto, em grito, em choro, em som, para sobreviver e ser, mas, desta vez, sem ser. Ou seja, o primeiro signo nasce, o novo homem, confiante

na força mágica e criadora do signo, é parturejado, o herói entra em cena para viver sua tragédia e Adão é expulso do paraíso.

Como o texto clariciano já pronunciara, “domesticado em humano”, “deteriorado”, “transformado numa coisa que pode ser vista e ouvida”, depois de degustar do fruto da árvore do bem e do mal, comedor de maçãs e senhor da linguagem, o homem agora pode predicar-se e ser predicado. De posse agora da varinha-de-condão da palavra, o homem adquire o poder de encerrar o mundo e a verdade numa casca de noz, mas não se dá conta de que, na casca de noz da palavra, tudo se transforma em palavra e deixa de ser o que é.

O texto de Clarice termina aqui: com o cordeiro imolado, com Édipo diante da esfinge, com Adão degustando a maçã, com o homem fascinado diante das potencialidades do verbo.

Clarice, assim como o mito, sabe muito bem que para a sua história não há ponto final. A palavra, a maçã, a esfinge, o discurso, o texto, o lógos, a própria *téchne*, são apenas interrogações, desafios, veredas, que desembocam sempre no indizível do ser.

A posse do verbo marca o início da tragédia, não o seu fim. Para conquistar a palavra, sacrificamos o ser. O triunfo do lógos converte a verdade do mito em mentira e ficção. A palavra e o lógos, porém, nascem ávidos de ser e verdade.

Eis o grande impasse: de posse da palavra e do lógos, o homem agora tem de partir para a reconquista do paraíso perdido.

A *téchne* é a sua arma, o instrumento que lhe permite operar com a linguagem, com o lógos, na tentativa de retornar ao éden, não, porém, com o objetivo de apenas reinstaurar o estado inicial, mas de recriá-lo, em estreita conexão com os novos poderes de que é possuidor.

A tarefa maior de todo homem é a de reconciliar lógos e mito, ficção e verdade, integrando-os numa unidade nova, onde os opostos não se excluem ou se anulam, mas se incluem, se transformam e se recriam.

Frutos da busca persistente e teimosa por parte do homem de seu verdadeiro ser, o mito, o lógos, a ficção, o sonho, a arte, a palavra em si, nada mais são que caminhos complementares, destinados a conduzi-lo, sob a batuta criadora e inovadora da *téchne*, ao destino que sempre perseguiu: o encontro consigo mesmo.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo, Cultrix, 1980.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*. Lisboa, Edições 70, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio, Sabiá, 1971.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. São Paulo, Brasiliense, 1995.